

# Educação no Brasil: Experiências, Desafios e Perspectivas 2

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)



**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

# Educação no Brasil: Experiências, Desafios e Perspectivas 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E24	Educação no Brasil [recurso eletrônico] : experiências, desafios e perspectivas 2 / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Educação no Brasil. Experiências, Desafios e Perspectivas; v. 2)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-665-2 DOI 10.22533/at.ed.652192709  1. Educação – Brasil – Pesquisa. 2. Prática de ensino. I. Guilherme, Willian Douglas.  CDD 370.981
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

Atena  
Editora

Ano 2019

## APRESENTAÇÃO

O livro “Educação no Brasil: Experiências, desafios e perspectivas” reúne 79 artigos de pesquisadores de diversos estados e instituições brasileiras. O objetivo em organizar este livro é o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios educacionais, sobretudo, das práticas educativas e da formação de continuada de professores.

A obra contém um conjunto de resultados de pesquisas e debates teórico-práticas que propõe contribuir com a educação em todos os níveis de ensino, sobretudo, assuntos relativos à interdisciplinaridade, matemática, arte, gênero, formação continuada e prática escolar.

Os 79 artigos que compõem esta obra foram agrupados em 3 Volumes distintos. Neste 2º Volume, são 25 artigos que debatem sobre a prática escolar em diversos níveis e espaços do processo educacional. No 1º Volume, são 14 artigos em torno da temática Gênero e Educação e 15 artigos sobre Interdisciplinaridade. Por fim, no 3º e último Volume, são 20 artigos que debatem a Formação Continuada de Professores, fechando com 6 artigos em torno da temática Educação e Arte.

A obra é um convite a leitura e entregamos ao leitor, em primeira mão, este conjunto de conhecimento.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

### PRÁTICA ESCOLAR

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A IMPORTÂNCIA DE UMA VIAGEM PEDAGÓGICA INTERNACIONAL: PRIMEIRA SEMANA ACADÊMICA INTERNACIONAL DO BACHARELADO EM ONTOPSICOLOGIA DA FACULDADE ANTONIO MENEGHETTI	
Juliana Fick de Oliveira Ana Carolina Marzzari Délis Stona Annalisa Cangelosi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6521927091</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>9</b>
A IMPORTÂNCIA E OS PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PRÁXIS NO PLANEJAMENTO EDUCATIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Daniela da Mota Porto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6521927092</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>21</b>
ABORDAGEM DO CONCEITO ESPAÇO A PARTIR DA UTILIZAÇÃO DE MAPAS NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Sthephany Alves dos Santos João Donizete Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6521927093</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
ALIENAÇÃO CULTURAL: PARALELOS ENTRE A EDUCAÇÃO E A TECNOLOGIA EM PAULO FREIRE E ÁLVARO VIEIRA PINTO	
Antonio José Müller Marcelo Pasqualin Batschauer	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6521927094</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>46</b>
AULAS ATITUDE EMPREENDEDORA – JOVEM E TECNOLOGIA	
Jean Missio Marzari Giovana Dalmolin Ivandro Felipe Kluge Matias Marzzari Meneghetti Patrick Milano Rodrigues Maiana Grendene Zanon Mariana Bizunin Juciara dos Santos Pires Augusto Miguel Patricia Petterini Helenara Ventura Cunha Mathias Pauletto Baiotto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6521927095</b>	

**CAPÍTULO 6 ..... 51**

BIBLIOTECA LÚDICA ESCOLAR: RELATO DE UM PROJETO DE INTERVENÇÃO COM ALUNOS DO 3º, 4º E 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS DA ESCOLA MUNICIPAL PADRE DIOGO FEIJÓ (SALTO DO LONTRA/PR)

Edimarcia Virissimo da Rosa  
Géssica Aparecida Cordeiro  
Mariza Angelo  
Silvia Carla Conceição Massagli  
Rita de Cássia Lima

**DOI 10.22533/at.ed.6521927096**

**CAPÍTULO 7 ..... 62**

DESENVOLVENDO AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS A PARTIR DE ATIVIDADES COM JOGOS

Paula Schneider dos Santos  
Marjorie Ribeiro Macedo de Oliveira  
Viviane Gomes da Silveira  
Taís Fim Alberti

**DOI 10.22533/at.ed.6521927097**

**CAPÍTULO 8 ..... 70**

DIFICULDADES DE LEITURA: UMA ANÁLISE RETROSPECTIVA DE ESCOLARES DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Bruna Patrícia Kerpen  
Daniela Fernandes Macedo  
Vivian Medeiros Bonfim  
David Mesquita Costa

**DOI 10.22533/at.ed.6521927098**

**CAPÍTULO 9 ..... 83**

“DIZ QUE É DE LÁBREA”: GOTAS DE NOSSA HISTÓRIA RESGATADAS ATRAVÉS DO *FACEBOOK*

Antonio Paulino dos Santos  
Valdecir Santos Nogueira

**DOI 10.22533/at.ed.6521927099**

**CAPÍTULO 10 ..... 95**

EMPREENDEDORISMO - UTILIZANDO ABPROJ (APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS) NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Shirlei Paques Pereira  
Célia Aparecida de Matos Garcia  
Rodrigo Lima  
Roberto Kanaane

**DOI 10.22533/at.ed.65219270910**

**CAPÍTULO 11 ..... 106**

ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA VISÃO DOS PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE MUNDO NOVO/MS

Beatriz Cristina Bencke  
Cristiane Beatriz Dahmer Couto  
Vilmar Malacarne

**DOI 10.22533/at.ed.65219270911**

<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>119</b>
ENSINO-APRENDIZAGEM DE EXPRESSÕES ALGÉBRICAS APOIADO POR COMPUTADOR	
Alex Junior Avila EneDir Guimarães de Oliveira Junior Wilson Castello Branco Neto Ailton Durigon	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65219270912</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>132</b>
ENTRE FLORES, CHÁS E TRAJETOS: MAPAS QUE MOSTRAM NOSSOS PERCURSOS	
Denise Wildner Theves Deise Ana Marchetti	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65219270913</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>143</b>
EPISTEMOLOGIA DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO NO LIVRO DIDÁTICO DOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS DE NÍVEL MÉDIO DO IFAM – <i>CAMPUS</i> PARINTINS	
Augusto José Savedra Lima Heliamara Paixão de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65219270914</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>154</b>
ESTÁGIO E DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS NO AMBIENTE ESCOLAR PÚBLICO MUNICIPAL	
Ubaldo de Jesus Fonseca Daniela dos Santos Cunha Fonseca	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65219270915</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>163</b>
FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS EDUCACIONAIS E A EDUCAÇÃO FÍSICA: AVALIAÇÃO DO NÍVEL DE PRONTIDÃO FÍSICA (PAR-Q) E O IMC	
Adrio Acácio Hattori	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65219270916</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>177</b>
INOVAÇÃO OU DEMOCRACIA: APORIA DAS INSTITUIÇÕES	
Marcelo Micke Doti	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65219270917</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>187</b>
KIT EDUCACIONAL PARA MELHORIAS NO ENSINO DOS CIRCUITOS ELÉTRICOS BÁSICOS	
Paulo Ixtânio Leite Ferreira Klarc da Silva Galdino Aldeni Sudário de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65219270918</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>193</b>
LABORATÓRIO DIDÁTICO DE REDES DE COMPUTADORES: UM PROJETO INOVADOR	
André Luiz Ferreira de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65219270919</b>	



<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>203</b>
METODOLOGIA ATIVA – SIMULAÇÃO REALÍSTICA NO CURSO TÉCNICO EM NUTRIÇÃO E DIETÉTICA	
Marcia Cirino dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65219270920</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>212</b>
RELATO DE EXPERIÊNCIA: UMA SIMULAÇÃO INESPERADA	
Sayury Silva de Otoni	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65219270921</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>217</b>
SUPLEMENTO PARALELO: UMA EXPERIÊNCIA ACADÊMICA DE CRÍTICA DE MÍDIA	
Luiz Henrique Zart	
Diógenes Manfroi de Barros	
Dionathan Patrick de Sousa Adão	
Gisele Cristiane Urnau dos Prazeres	
Francisco Rogério Ramos	
Maria Gabriela Sassi Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65219270922</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>229</b>
UM ESTUDO DE CASO DO PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DO IFB	
Pedro Henrique Rodrigues de Camargo Dias	
Jonilto Costa Sousa	
Jabson Cavalcante Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65219270923</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>245</b>
UNIVERSIDADE E MODIFICAÇÃO ORGANIZACIONAL – DO MODELO BUROCRÁTICO À ORGANIZAÇÃO INTENSIVA DE CONHECIMENTO	
Adelcio Machado dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65219270924</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>269</b>
VALORAÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DOS PROFESSORES EM RELAÇÃO ÀS FINALIDADES EDUCATIVAS EM ALUNOS UNIVERSITÁRIOS DE DIREITO E PSICOLOGIA	
Lila Spadoni	
Fernando Lemes	
Luanna Gomes Silva Pereira	
Mickaele Pabline Siqueira Dutra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65219270925</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>282</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>283</b>

## SUPLEMENTO PARALELO: UMA EXPERIÊNCIA ACADÊMICA DE CRÍTICA DE MÍDIA

### **Luiz Henrique Zart**

Professor, Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac)

Lages, Santa Catarina

### **Diógenes Manfroi de Barros**

Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac)

Lages, Santa Catarina

### **Dionathan Patrick de Sousa Adão**

Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac)

Lages, Santa Catarina

### **Gisele Cristiane Urnau dos Prazeres**

Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac)

Lages, Santa Catarina

### **Francisco Rogério Ramos**

Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac)

Lages, Santa Catarina

### **Maria Gabriela Sassi Pereira**

Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac)

Lages, Santa Catarina

**RESUMO:** O poder midiático é o único sem contrapoder. Com a atribuição de fiscalizar arbitrariedades e injustiças, além de retratar a realidade, a mídia, e em especial o jornalismo, não tem quem o vigie e faça o “controle do controle”. Este artigo pretende relatar a experiência de desenvolvimento do suplemento

1. Artigo apresentado no II Congresso Internacional Conhecimentos Pertinentes para a Educação na América Latina (Eduपाला): Formação de Formadores, realizado na Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac), em Lages/SC, de 24 a 26 de setembro de 2018.

Paralelo, produzido pelos acadêmicos da então 7ª fase do curso de graduação em Jornalismo da Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac), na disciplina de Gestão em Metajornalismo, explorando os questionamentos desenvolvidos na universidade em 2018. Para isso, faz uma revisão bibliográfica para discutir alguns conceitos de metajornalismo e crítica de mídia, e também sobre o contexto da dicotomia entre teoria e prática em sala de aula. Então parte para a explanação da experiência do Paralelo, que permitiu desenvolver a partir de textos de crítica de mídia a capacidade de reflexão dos acadêmicos diante da função social como jornalista<sup>1</sup>.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crítica; jornalismo; Produção acadêmica independente.

### “PARALELO” SUPPLEMENT: AN ACADEMIC EXPERIENCE OF MEDIA CRITICISM

**ABSTRACT:** Media power is the only one with no counterpower. With the attribution of inspecting arbitrariness and injustice, in addition to portraying reality, the media, and especially journalism, have no one to watch over it and to do “control of control”. This article intends to report the development experience of Paralelo supplement, produced by the students of the

7th phase of the undergraduate course in Journalism at the Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac), in the discipline of Management in Metajournalism, exploring the questions developed at the university in 2018. To do this, it does a bibliographical review to discuss some concepts of metajournalism and media criticism, and also about the context of the dichotomy between theory and practice in the classroom. Then, starts to explain the experience of Paralelo, which allowed the development of media criticism as a journalist's ability to reflect on the social function of journalists.

**KEYWORDS:** Criticism; journalism; independent academic production.

## 1 | INTRODUÇÃO

O poder midiático é o único sem contrapoder. Entre as tantas instituições contemporâneas, entende-se que não há nenhuma isenta de crítica, e que o próprio jornalismo atua apontando erros e acertos, conforme aponta Carey (1974). Porém, vale ressaltar que “permanece o fato de que uma instituição se mantém curiosamente isenta de análise de crítica: a própria imprensa” (ibidem, loc. cit.). Com isso, identifica-se a resistência do jornalismo em ser criticado, observado – e, mais que isso, existe um receio da classe profissional a respeito.

A crítica de mídia toca nesta ferida quando se baseia em fundamentos éticos e deontológicos do jornalismo para promover a prática da observação dos *media*. Dessa forma, “a ideia clássica de que o jornalismo e o jornalista não são notícia dissolve-se, aliás, no reconhecimento de um jornalismo que também tem por objecto a própria actividade jornalística” [sic] (OLIVEIRA, 2007, p. 16). Neste sentido, as estratégias de controle do próprio controle evidenciam a visão distorcida de que o jornalismo seja a única atividade social que escape à avaliação crítica. O discurso metajornalístico, assim, pretende a vigilância aos desvios éticos, morais, e mesmo ao cansaço e à atuação preconceituosa de jornalistas. Tanto por parte deles quanto do próprio público.

Conquanto tenha inimigos ferozes dentro do próprio meio jornalístico, o metajornalismo tem, pelo menos, a virtude de desmistificar a profissão aos olhos do público. Explicar quem são os profissionais da informação, como trabalham, como, com quem e onde buscam a informação que dão a conhecer, que faltas profissionais e que excessos ético-deontológicos cometem são, em última análise, o fundamento deste ímpeto de informar sobre os informadores (Ibidem, p. 17).

Esta premissa contraria o que dizem manuais de jornalismo quando afirmam que “o jornalista nunca é notícia”. A crítica de mídia faz com que o jornalismo deixe sua posição de observador incontestável e desça do pedestal onde se isolou durante tanto tempo para ser também observado – ainda que se recuse, em diversas situações, a reconhecer o jornalista como um agente diante dos acontecimentos.

A crítica sobre o jornalismo é uma prática recente, derivada da atenção crescente à área, e da importância que a mídia tem na construção do tecido social. Especialmente após a Segunda Guerra Mundial, com o desenvolvimento e a massificação de novas

formas de comunicação, como a televisão, houve a consequente motivação dos estudos sobre os *media*, inclusive com o desenvolvimento de uma série de teorias da comunicação que marcam o campo (HOHLFELDT et al., 2015). Entendido como instrumento de autorregulação, e como uma prática autorreferencial, o metajornalismo coloca o jornalista e o jornalismo como sujeitos da crítica, onde o discurso deixa de ser inconsequente ou passar impune diante do interesse público para assumir uma carga maior de responsabilidades (OLIVEIRA, 2016).

Reconhecendo a capacidade de influência do jornalismo neste processo, a crítica de mídia é um importante instrumento de problematização da profissão, além de abrir espaço ao pensamento do próprio público em relação às produções da mídia, o que significa “uma tomada de consciência acerca do papel dos *media* para a construção do espaço público como também o imperativo de legitimar, a cada passo, as ações dos profissionais da informação” [sic] (OLIVEIRA, 2007, p. 252-253). Então,

Se a ética tem uma função essencialmente estabilizadora, o metajornalismo apresenta-se como a possibilidade de uma função de desocultação, que é particularmente desempenhada pelos provedores dos leitores, ouvintes e telespectadores quando procuram esclarecer os procedimentos que estão implicados na ação jornalística (OLIVEIRA, 2016, p. 38).

Deste contexto, e já evidenciando a falta de sensibilidade à questão, as primeiras experiências do que se conhece por *media criticism* não foram conduzidas por jornalistas, mas por membros de outros setores da sociedade, como políticos e escritores, ou em círculos literários e movimentos de intelectuais dos séculos XVIII e XIX, considerando méritos e deméritos dos “escritores de notícias” (OLIVEIRA, 2016, p. 34). Sobretudo porque “*outsiders* eram muitas vezes mais ousados e penetrantes em sua crítica do que a imprensa em si [...] usando a linguagem raramente utilizada por jornalistas na avaliação da sua performance” (GOLDSTEIN, 2007, p. 12, tradução nossa).

Um dos primeiros críticos do jornalismo foi o austríaco Karl Kraus que, por meio da sua revista *Die Fackel* (O Archote), tornou-se um “símbolo da imagem negativa que os intelectuais do final do século XIX e do início do século XX traçaram para o jornalismo e os jornalistas” (OLIVEIRA, 2007, p. 134). O trabalho de Kraus é considerado “um dos maiores repertórios de artigos contra o jornalismo e os jornalistas. Mestre do aforismo e da frase cortante, ele dedicou quase quatro décadas da sua vida a anotar faltas, escândalos e abusos precisos da imprensa” (Ibid., p. 135). (BITTENCOURT, 2015, p. 8)

Embora exista a resistência por parte dos próprios jornalistas e a prática ainda seja considerada incipiente (mas necessária), deve-se reconhecer que iniciativas neste sentido ganham campo. E contribuem para compreender que a “sociedade, ao se relacionar com os produtos que assiste, lê e ouve, produziria novos significados sobre os conteúdos, muitas vezes publicando suas opiniões, divergências e colocações na própria mídia” (BITTENCOURT, 2015, p. 7).

No Brasil, de acordo com Marques de Melo (1986 apud BITTENCOURT, 2015,

p. 12), coube a Alberto Dines a tarefa de ser pioneiro na crítica de mídia brasileira, por meio da coluna *Jornal dos Jornais*, publicada aos domingos na Folha de S. Paulo entre 1975 e 1977 e, depois de um hiato, com espaço no mesmo jornal a partir de 1989, ano em que a Folha cria a figura de *ombudsman*.

A Folha de S.Paulo foi pioneira, como o primeiro jornal brasileiro a admitir a função de um “representante dos interesses do leitor na estrutura do jornal”, “que faz uma crítica aos meios de comunicação, particularmente do desempenho do próprio jornal” (FOLHA, 2005, p. 114). Também, entre 1977 e 1996, o jornalista seguiu com a função no Pasquim, na revista *Imprensa* e em outros locais, até a criação do Observatório da Imprensa, que deu abertura a outros observatórios, especialmente os desenvolvidos em universidades (OLIVEIRA, 2011).

Os sites de crítica da mídia, para Silva et al. (2006, p. 2) são a sociedade civil em marcha. “O crescimento dos sites é um indicador da generalização de uma consciência sobre a necessidade de a sociedade vigiar seus próprios meios de comunicação para além do Estado e da Empresa”. Alberto Dines começou na mídia impressa, mas estendeu sua análise do comportamento da imprensa à internet. Para o jornalista, o crítico de mídia precisa se ver como “um maldito, um renunciante, abrindo mão de um lugar ao sol no *establishment*”, sendo que “o *media criticism*, como de resto toda a função crítica levada às últimas consequências, é necessariamente subversivo” (DINES, 1982, p. 151-152). Sobretudo, a crítica de mídia desempenha papel importante porque procura:

a) oferecer ao público em geral um conjunto de balizas para avaliar a adequação das mídias jornalísticas em relação ao que delas deve se esperar como compromisso com a cidadania, aqui entendida como direito civil de liberdade de informação; b) compor um meio coadjuvante na formação universitária na área de comunicação e jornalismo; c) divulgar um painel para que os próprios jornalistas sejam incentivados a refletir sobre seus acertos e eventuais falhas (ROTHBERG, 2010, p. 53).

Compreendendo a necessidade da crítica, é importante ressaltar que a reflexão sobre produtos, processos de produção da mídia, recepção e interação social não deve ser caracterizada como censura, uma vez que esta é “o exame prévio de conteúdo com possibilidade de restrição à sua publicação” (SILVA; PAULINO, 2010, p. 15), e a crítica é “uma resposta ativa e contínua [...] sobre os produtos apresentados ao público” (CAREY, 1974, p. 231). Tanto que, a princípio, se os próprios jornalistas são resistentes, a crítica seria deslocada como uma atribuição também do público – mais generalista do que técnica, mas não por isso menos válida –, o que leva ao questionamento: quem pode criticar, com que critérios e com qual intenção? Silva e Soares (2013, p. 821) levantam pontos a serem considerados:

(1) da autoridade, direito e liberdade para criticar; (2) dos parâmetros de como se operar a valoração da qualidade do objeto que está sob apreciação e (3) da finalidade última de qualquer crítica, que deseja, extrapolando o esforço de compreensão, promover alguma ação de transformação do mundo ao redor (SILVA; SOARES, 2013, p. 821).

As autoras observam que são muitas questões a serem analisadas: O que pode ser chamado de crítica de mídia? Como e por que criticar a mídia? Onde ela está? Quem a realiza?. Afinal de contas, não é um percurso simples. E o entendimento se dá quando se percebe que “importa tanto ou mais do que saber *quem faz* a crítica de mídias conhecer o *modo como é feita*” (SILVA; SOARES, 2013, p. 827). Começando daí, a análise e a interpretação dos produtos da mídia partiria de três fontes, que norteariam a discussão: dos próprios veículos – produzida por aqueles reconhecidos como críticos –, do meio acadêmico ou do público, de forma dispersa pela sociedade, em blogs e redes sociais, por exemplo (SOARES; SILVA, 2016, p. 1).

Esta crítica não somente deve ser fundamentada e sistemática, tal como a crítica literária, mas deve ocorrer também nas páginas do próprio jornal, na frente do público que regularmente consome, usa ou digere o que é apresentado. Quem deve fazer isso? Em certo sentido, todos. Sugiro que o jornal em si deve trazer esta comunidade crítica à existência. Ele deve procurar e encontrar dentro de seus públicos os leigos que podem e estão interessados em produzir uma resposta crítica ao que vê e lê diariamente. Esperemos que tais pessoas venham de todos os estratos da população e representem seus principais segmentos. Mas essa comunidade não virá a existir se a imprensa passivamente fica esperando que ela surja. A imprensa deve reconhecer que tem participação na criação de uma comunidade crítica e, então, usar seus recursos para promovê-la (CAREY, 1974, p. 249).

Questionar os fundamentos da produção midiática e discutir o jornalismo como uma atividade socialmente regulada, assim, conduz à reflexão sobre a finalidade de qualquer crítica, “*que deseja, extrapolando o esforço de compreensão, promover alguma ação de transformação do mundo*” (SILVA; SOARES, 2013, p. 835, grifos das autoras). O escrutínio da mídia mostra-se cada vez mais importante para a sustentação de valores caros à democracia e à própria responsabilização das posturas adotadas por jornalistas, requerendo ser tratada como campo de pesquisa e ensino no meio acadêmico (SILVA et al., 2006, p. 1).

A crítica acadêmica, como se propõe aqui, se estabelece como um lugar para a crítica midiática, um “entrelugar” – onde se pode, ao mesmo tempo, “realizar a crítica de mídia ou analisar as críticas que circulam no ambiente midiático”, com um repertório compartilhado de percepções, em um exercício de análise que demanda alguns esforços para compreender “a crítica de mídia noticiosa tratada como recurso didático-pedagógico para o ensino e formação de jornalistas” (SOARES; SILVA, 2016, p. 3). Com esta ferramenta, partindo do ensino e do desenvolvimento de textos críticos à mídia, surgiu o Paralelo.

## 2 | OBJETIVO

Uma das principais atribuições da mídia é, de senso comum, fiscalizar os poderes constituídos, lutando contra arbitrariedades e injustiças, além de atuar e, de certa forma, construir as relações em sociedade de maneira crítica. Cabe, então, o questionamento: se a mídia critica a todos, quem critica a mídia? A partir desta dúvida

foram motivadas as discussões da disciplina de Gestão em Metajornalismo, como parte da grade curricular do curso de graduação em Jornalismo da Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac), em Lages, Santa Catarina. E também destas reflexões nasceu a experiência do Paralelo, um suplemento eletrônico idealizado como trabalho final da disciplina, com textos de crítica de mídia desenvolvidos pelos próprios acadêmicos, com temas debatidos em aula ou com assuntos de interesse dos estudantes – com a intenção de desenvolver a capacidade reflexiva e crítica dos acadêmicos diante do ambiente comunicativo.

Vale, inclusive, destacar a intenção de introduzir os estudantes ao gênero de discurso jornalístico crítica de mídia, que tem por objetivo a reflexão do jornalista, o agente e produtor de informação e notícia, diante de episódios que envolvam produções dos meios de comunicação. Interessada na cobertura jornalística, a crítica midiática se estabelece como um metadiscorso em que se pensa a atuação jornalística a partir de uma tipologia textual em que são considerados aspectos éticos, estruturais, de composição e enquadramento do material jornalístico. Entende-se, aqui, que a academia é um destes espaços de discussão da mídia na formação de futuros jornalistas.

### 3 | METODOLOGIA

É fundamental, antes de relatar a proposta do Paralelo, traçar um breve paradigma do ensino no campo periodístico. Existe uma fronteira simbólica construída tanto na atividade jornalística profissional quanto na pesquisa e no ensino da atividade no meio acadêmico: uma dicotomia entre teoria e prática. Se deve, em grande parte, ao contexto dos cursos de jornalismo no Brasil que, desde 1970, passaram por profundas transformações, com matrizes curriculares voltadas à formação universitária e profissional priorizando atividades práticas e técnicas. A intenção era expandir a expansão e a profissionalização da imprensa brasileira, além de inserir o aluno na realidade profissional por meio de atividades laboratoriais (OLIVEIRA, 2011; SOUSA, s/d., p. 1).

No entanto, esta lógica não bastava para cessar a divisão, com o processo de aprendizado divorciando teoria e prática. O ensino, assim, foi segmentado, fragmentado, e passou a se caracterizar pela distinção “entre o saber sobre e o saber fazer. A pesquisa teórica e a produção crítica passam ao largo dos problemas da prática, como se esta fosse uma dimensão estranha ao pensamento” (MEDITSCH, 2003, p. 15). Na contramão desta perspectiva, e considerando a validade da teorização e, depois, da prática, a produção do Paralelo denota que *saber fazer* é importante antes de realmente *fazer* o que é proposto. Isso se com o reforço da reflexão, entendendo que teoria e prática “devem estar em constante interação” (SOUSA, s/d., p. 2).

Com esta proposta em pensamento, por meio de uma iniciativa do professor da

disciplina de Gestão em Metajornalismo – prontamente acolhida pelos estudantes – partiria da reflexão, com conteúdos apreendidos em aula, para dar vida, como trabalho final, a um suplemento – porque, neste sentido, complementa a realidade analisada, além do significado estrito do termo – veiculado digitalmente como uma produção de crítica de mídia independente e exclusiva dos acadêmicos, que em 2018/1 cursavam a sétima das oito fases do curso de graduação em Jornalismo da Universidade do Planalto Catarinense, em Lages/SC. O anseio era justamente ir além da teoria ou da prática e integrá-las, produzindo algo que não ficasse apenas na avaliação do professor e no retorno com uma nota.

#### 4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

O desenvolvimento do Paralelo foi, sobretudo, uma corrida contra o tempo. Cabe ressaltar que a disciplina, em regime intensivo, reservava apenas duas semanas para a discussão dos temas propostos, sem tanto espaço à reflexão. Ainda assim, os encontros foram extremamente produtivos, uma vez que divididos tematicamente, entre: Conceitos – o que é metajornalismo; mídia, espaço público e construção da realidade social; notícias falsas; identidades editoriais em jornalismo; o jornalismo humanizado, ou sobre olhar para o próprio umbigo. Cada um dos conteúdos tinha a proposta de gerar o debate e o pensamento sobre assuntos pertinentes à profissão, nem sempre em destaque em outras disciplinas.

Com isso, a troca de ideias se concretizou e foi amparada por materiais de apoio e, por fim, ao espaço das de algumas das últimas aulas disponibilizado para o acompanhamento da produção dos textos e a discussão da diagramação do suplemento. Mesmo após o fim das aulas, com o transcorrer do semestre regular, a correção do material foi realizada com apoio do professor pela internet e presencialmente. Com cinco alunos na turma da sétima fase, a proposta inicial, concretizada, foi a de dividir o suplemento em dois segmentos, nos quais, naturalmente, cada um dos acadêmicos seria responsável por duas produções.

O primeiro eixo, ainda que não seja explícito, ficou reservado aos conteúdos trabalhados nas aulas, em sala, com cinco textos: Metajornalismo (“Metajornalismo: a consciência crítica de mídia”, de Maria Gabriela Sassi Pereira); mídia e construção da realidade social (“Você já foi influenciado hoje?”, de Francisco Ramos); identidades editoriais em jornalismo (“Veja e Carta Capital: Linha editorial oculta, polarização escancarada”, de Diógenes Manfrói de Barros); notícias falsas (“Fake News e o Jornalismo de roupa nova”, de Dionathan Patrick de Sousa Adão); e o jornalismo humanizado, ou sobre olhar para o próprio umbigo (“O jornalismo dos sonhos”, de Gisele Cristiane Urnau dos Prazeres).

Os outros cinco partiram da liberdade de escolha dos acadêmicos, que, na respectiva ordem de autores, abordaram “A transformação do Jornalismo Esportivo



em entretenimento”; “Jogos e violência: como o sensacionalismo os une?”; “A crítica especializada multifacetada em Tranquility Base Hotel & Casino”; “Blog: O jornalismo de portas abertas”; e “Christa Berger e o jornalismo de Kapuscinski”.

Além disso, para preencher as páginas do Paralelo, o professor da disciplina entrou em contato com a professora e pesquisadora do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Gislene Silva, com vasto currículo no tema de crítica de mídias, para uma entrevista. A conversa ocorreu por chamada de vídeo após a elaboração de um questionário elaborado em conjunto com os estudantes, e a transcrição do material, de forma a enriquecer o debate. A diagramação foi conduzida por um dos estudantes, Dionathan, em conjunto com o professor. As ilustrações foram produzidas e cedidas por artistas que se dispuseram a contribuir com a publicação mesmo sem receber por isso, já que não havia recursos disponíveis.

A experiência exigiu o esforço da produção de conteúdos aos quais nem acadêmicos, nem o professor – que ministrava aulas pela primeira vez na universidade – eram habituados, o que representa outras oportunidades e descobertas, que podem surgir do ambiente acadêmico com mais naturalidade e possibilidades de desenvolver plenamente a capacidade de expressão dos envolvidos no processo.

Sobretudo, foi um período de prática, ainda que primária, de aprendizado e oportunidade de discussão de temas pertinentes, especialmente aos acadêmicos, que têm um primeiro contato mais propriamente com a crítica de mídias em si. Quarenta e uma páginas de conteúdo além da própria capa apontam a uma tentativa, acima de tudo, de estímulo ao pensamento crítico e o anseio de que as práticas acadêmicas se estendessem para além dos muros universitário



**22** **GISLENE SILVA: COMO CRITICAM OS QUE CRITICAM?**

Luiz Henrique Zart

Abril de 2018 já havia começado quando surgiu a ideia de convidar Gislene Silva para uma entrevista. De Florianópolis, SC, por chamada de vídeo, a professora e pesquisadora do Departamento de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) conversou com o Paralelo. Crítica de mídia, crítica de jornalismo, atuação da imprensa e fake news estiveram na pauta, entre outros assuntos. A seguir, entendamos um pouco mais sobre como criticam os que criticam.



César Cavalcanti

**O que é crítica de mídia e como fazê-la?** Quando pensamos em crítica de mídia, a gente se pergunta: onde ela se encontra? Quem são as pessoas que praticam a crítica de mídia? Quais as perspectivas teóricas que orientam a crítica de mídia? Como são muitas as possibilidades, a gente pode pensar em estudar a crítica de mídia em diferentes instâncias, ou diferentes modalidades. Poderemos pensar uma que seria como é que a gente faz para criticar? Para saber como fazer para criticar, a gente pode olhar, justamente, como é que o crítico faz. Para descobrir parâmetros de crítica. Esse é um jeito de estudar. Um outro seria estudarmos as críticas que circulam por aí, porque há críticas nas redes sociais, nas cartas de leitores. Temos ainda a crítica do especialista, de um crítico de tv ou de um ombudsman. Outro ainda seria fazer exercícios variados de crítica de mídia, de cobertura jornalística.

Depois, há um jeito de estudar que é

assim: como é que a gente escreve um texto de crítica. Pensar a crítica como gênero de escrita, porque quando se faz a crítica da cobertura jornalística, por exemplo, este texto é um artigo acadêmico? Pode não ser. Ele é uma matéria jornalística? Não é. Então, há aí outro gênero de escrita. Mesmo produtos midiáticos como o "Profissão Repórter", da TV Globo, que é um programa de jornalismo, consegue, dentro dele, fazer eventualmente uma crítica do jornalismo. O "Tá no ar: a TV na TV", também da Globo, tem algo de crítica. Seriam práticas midiáticas: que se criticam ou se autocriticam. Além, é claro, da própria crítica acadêmica – dissertações, teses que criticam a forma como o jornalismo trabalha, fazendo isso de modo mais criterioso.

Então, a crítica de mídia está em muitos lugares. Pode-se pensar em muitas modalidades, e até mesmo que teoria de crítica orienta tais críticas? Qual é a perspectiva teórica que se tem aí? Com que olhar a gente está fazendo a crítica?

**Mais que consumir informação, é preciso entendê-la**

O telefone tocou nos últimos dias de janeiro de 2018. Quem ligava era Del Moura, meu professor durante a faculdade, agora coordenador da graduação em Jornalismo da Uniplac. "Conhece Gestão em Metajornalismo?", perguntou. "Não", respondi, surpreso. E então veio o convite pela primeira vez, eu dáta aulas – para a sétima fase, em Itororo dali a alguns dias. A proposta de analisar os produtores da mídia, em especial do jornalismo de um ponto de vista crítico, sobretudo, foi um desafio. Como foi o que propus aos meus colegas de sala logo na apresentação da disciplina. Como trabalho final, criamos um suplemento que desse espaço às produções deles, com textos críticos à mídia, da que seria interessante atravessar as paredes da escola de jornalismo. De discussões assim, surgiu o Paralelo. Para criticar os que criticam, um suplemento que, em conceito, deveria ser um caderno adicional ao material jornalístico principal, aqui se apresenta de outra forma. Suplementa a realidade, simultaneamente, a partir da confrontação, da comparação e da análise, ainda que em um esforço, em um esforço mais primário. É válida uma reflexão atribuída ao jornalista polonês Zygmunt Bauman, que aponta: "Estamos vivendo duas histórias distintas: a da verdade e a criada pelos meios de comunicação. O paradoxo, o drama e o perigo estão no fato de que conhecemos cada vez mais a história criada pe-

los meios de comunicação e não a verdade". Então, cabe a observação ao que produzem os meios de comunicação e como eles orientam nosso cotidiano. Especialmente em momentos como estes, a realidade cada vez mais inacessível desafia o nosso entendimento. No Brasil, ainda mais, vivemos tempos instáveis. E, se a empresa e como um fio que nos conecta ao mundo, o caos do qual ela se alimenta é um termômetro de como somos a democracia e nosso lugar em sociedade. Assim, as fronteiras entre o que é insustentável e a informação confiável são borradas, entre outros valores, 2018 foi ano da perda de uma referência. Alberto Diniz, um dos pioneiros da crítica de mídia no Brasil, tanto na coluna "O jornal dos jornais" quanto no Observatório da Imprensa, destinado a monitorar as condutas de profissionais e promover o debate da atuação do jornalista na sociedade. Especialmente em um contexto onde a reflexão e o pensamento crítico têm sido considerados, e onde o ensino universitário de qualidade vem sendo posto à prova pelo obscurantismo e pela arbitrariedade que rondam nosso país, pensar a atuação do jornalista e seus reflexos no cotidiano já é um ato revolucionário. Talvez por isso, o jornalismo que duvida, que critique, que saia do mar de certezas, mentiras e manipulações em que o ambiente informativo se transformou, seja ainda mais necessário. Pela via do esclarecimento. Da credibilidade. Da informação.

**Índice**

<b>5</b> Habilidades e competências de uma jornalista Gislene Silva	<b>8</b> O jornalismo em tempos de crise Gislene Silva	<b>11</b> Voz e Coração: Uma editora independente, jornalista e escritora Diógenes de Barros
<b>15</b> "Voz da no influenciadora não" Francisco Ramos	<b>19</b> Para Heráclito e o câmbio de moeda Dionathan Sousa	<b>23</b> Gislene Silva: Como criticam os que criticam? Luiz Henrique Zart
<b>29</b> "Então, a crítica de mídia está em muitos lugares..." Diógenes de Barros	<b>32</b> "Pode não ser. Ele é uma matéria jornalística?" Francisco Ramos	<b>35</b> "A contemporaneidade desde 1998..." Gislene Silva
<b>37</b> "O jornalismo em tempos de crise..." Gislene Silva	<b>39</b> "Estamos vivendo duas histórias distintas..." Dionathan Sousa	



na contemporaneidade desde 1998 o jornalismo, e jornalistas sem jornais. Beldia discute sobre o estudo realizado pelo Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor), em parceria com o Volt Data Lab – uma agência independente de Jornalismo de dados, investigações e reportagem –, que juntos analisaram, em outubro de 2017, uma rede de 5.354 veículos de informação distribuídos no Brasil.

No entanto, o texto questiona: será que esses veículos realmente e respeitam padrões éticos da profissão? Segundo Beldia, o Jornalismo entra em um novo

ecossistema onde existem jornais sem jornalismo, e jornalistas sem jornais. Ressalta que, muitas publicações se identificam como jornais, e inclusive se parecem com eles, usando linguagem, forma e outras características semânticas. Porém, desconhecendo a ética e o método jornalístico. Da mesma forma, o artigo explora a situação das redações enxutas, dos jornais com menos páginas e, consequentemente, menos conteúdo.

Avaliando e refletindo sobre a falta de conteúdo jornalístico nas publicações brasileiras. Institutos como os "Obser-

Figura 1 – Algumas páginas do Suplemento Paralelo  
Fonte: Produção dos autores, 2019.

A capa do suplemento, abaixo, foi pensada a partir destas posições, para sugerir questionamento, crítica, pensamento além, à margem, suplementando a realidade. Por isso suplemento. Por isso Paralelo. Com definições a partir, inclusive, da indicação dos alunos, o trabalho está disponível no Google Drive e também pela plataforma Issuu:



Figura 2 – A capa do Suplemento Paralelo

Fonte: Produção dos autores, 2018.

## 5 | CONCLUSÃO

O Paralelo surgiu do anseio de tentar e de ir além. Como propõe Christofoletti, desde o início dos cursos de jornalismo, o estudante deve ser incentivado a discutir limites éticos de sua atuação como profissional, desenvolvendo “atividades e ambientes de discussão ética profissional, cultivando uma cultura de pensamento e troca de informações, fortalecendo o senso crítico e encurtando a distância entre o aluno e o profissional”, mas também entre os poderes constituídos e a cidadania (apud SOUSA, s/d., p. 3). O meio acadêmico, portanto, é um espaço onde se deve empreender este tipo de debate, discutindo os meios, avaliando suas posturas e condutas, procedimentos técnicos e éticos.

A crítica de mídia é um gênero textual que propicia a oportunidade de pensar o fazer jornalístico, a partir de uma discussão “fundamentada e sistemática, a respeito de determinada manifestação artística, publicada geralmente em veículos de massa (jornal, revista, livro, rádio, TV)” (RABAÇA & BARBOSA, 1998, p. 186). A Universidade é um lugar importante para o desenvolvimento de iniciativas de crítica de mídia, porque mantém, para Moura (2005, s/p.), distância das pressões do mercado, ao mesmo tempo em que permite fazer uma crítica técnica e aprofundada sem influências comerciais.

A presença do gênero na universidade deve ultrapassar o que preconizam os planos de ensino das disciplinas para a formação [...] no que diz respeito aos gêneros jornalísticos. Um gênero como a crítica de mídia deve ter sua presença justificada por um processo sistemático de diálogo entre a própria crítica e os fundamentos e conceitos estudados nas diferentes disciplinas. Afinal, o aluno está se formando para o exercício da profissão, e colocará em prática, se possível, os conceitos adquiridos (OLIVEIRA, 2011, p. 122).

Com o desenvolvimento do Paralelo, é possível entender a validade de um trabalho coletivo, que mescla teoria e prática, fornece recursos de pensamento aos estudantes e, sobretudo, tem um valor pedagógico que foge à tecnicidade das escolas de jornalismo quando é capaz de transportar o acadêmico a uma reflexão sobre sua atividade, “se [...] vier acompanhada de uma nova maneira de praticar o jornalismo”, senão, corre o risco de tornar-se “algo extemporâneo e desligado da realidade profissional” (MOURA, 2005, s/p).

Cumprindo sua função, a crítica de mídia, por meio da análise da prática jornalística, questionando preceitos éticos e técnicos, pode dar aos estudantes uma nova forma de ver o mundo, apropriando-se desta possibilidade para reconhecer sua função social como jornalistas. Sobretudo, criticar para poder observar as próprias práticas e deixar-se ser observado. Como cidadão e jornalista, já que a ética é uma só, como disse Claudio Abramo, criticar os que criticam.

## REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, W. C. Apontamentos históricos sobre crítica de mídia noticiosa. **Revista Novos Olhares**, v.4, n.2 – 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/104107>>. Acesso em: 22 ago. 2018.
- CAREY, James. W. Journalism and Criticism: the case of an undeveloped profession. **The Review of Politics**, v. 36, pp. 227-249, 1974.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual de Redação**. São Paulo: Publifolha, 2005.
- GOLDSTEIN, T. **Killing the messenger: 100 years of media criticism**. Nova York: Columbia University Press, 2007.
- MEDITSCH, E. A filosofia de Paulo Freire e as práticas cognitivas no jornalismo. **Comunicação & Educação**, São Paulo, (27): 15 a 30, maio-ago. 2003.
- MELO, J. M. Apresentação. In: DINES, A. O papel do jornal: uma releitura. São Paulo: Summus Editorial, 1986.
- MOURA, A. **Crítica de mídia: Quem não deve, não teme!** Disponível em: <<http://www.canaldaimprensa.com.br/canalant/49educacao/reportagem.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2018.
- OLIVEIRA, M. **Metajornalismo**. Do discurso normativo à autorreferencialidade como condição ética. In: Sobre jornalismo - Vol 5, nº2 – 2016. Disponível em: <<https://surlejournalisme.com/rev/index.php/slj/article/view/254>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

OLIVEIRA, M. **Metajornalismo... Ou quando o jornalismo é sujeito do próprio discurso**. Tese

(Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade de Minho, Portugal, 2007.

OLIVEIRA, N. A. F. O gênero crítica de mídia e suas relações dialógicas no processo de formação do jornalista. *Revista L@el em (Dis-)curso*. Volume 3, 2011.

RABAÇA, C. A & BARBOSA, G. **Dicionário da Comunicação**. 3ª edição. São Paulo: Ática, 1998.

SILVA, L. M.; PAULINO, F. O. Por que os observatórios não observam boas práticas. In: CHRISTOFOLETTI, R.; MOTTA, L. G. **Observatórios de mídia: olhares da cidadania**. São Paulo: Paulus, 2008.

SILVA, G; SOARES, R. Para pensar a crítica de mídias. **Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, pp. 820-839, set./dez. 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/14644/10797>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

SILVA, L.M.; et al. Metodologias de crítica da mídia. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006. 3 p.

SOARES, R.; SILVA, G. **A crítica de mídia nos estudos de comunicação**. Acervo – Biblioteca – Universidade de São Paulo, 20 ago. 2016. Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002788091.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

SOUSA, C.M. **Crítica de Mídia e ensino do Jornalismo: uma relação necessária**. Centro Universitário Adventista de São Paulo, s/d.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**WILLIAN DOUGLAS GUILHERME:** Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: [williandouglas@uft.edu.br](mailto:williandouglas@uft.edu.br)

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aprendizagem baseada em projetos 100, 215

Atitude empreendedora 6, 46, 47

Autonomia discente 212, 214

### B

Burocracia 245, 246, 247, 253, 264, 268

### C

Cartografia 21, 22, 23, 30, 31, 132, 141

Circuitos elétricos 187, 188, 192

Compilador 119, 122, 125, 126, 127, 129

Compreensão 5, 13, 18, 22, 23, 33, 34, 35, 37, 38, 41, 43, 45, 58, 60, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 108, 109, 113, 116, 122, 131, 132, 133, 147, 148, 150, 158, 160, 195, 199, 220, 221, 256, 261, 262, 269, 271, 281

Crianças 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 25, 27, 29, 30, 60, 62, 64, 71, 72, 74, 76, 78, 79, 80, 84, 87, 107, 112, 114, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 157, 158, 173, 174

Crítica 4, 6, 9, 11, 16, 19, 45, 58, 60, 112, 113, 177, 180, 184, 186, 205, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 236, 251, 271

### D

Democracia 8, 177, 178, 180, 182, 183, 185, 221

Didático 22, 45, 65, 80, 115, 143, 144, 149, 150, 151, 152, 193, 194, 198, 199, 221, 232

Disciplina 21, 22, 99, 106, 107, 108, 111, 113, 116, 117, 120, 122, 143, 144, 212, 217, 222, 223, 224, 246, 256, 266, 276, 277, 278

### E

Educação física 164, 165

Educação infantil 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 69, 156, 157, 161

Educação profissional 99, 101, 102, 103, 155, 231

Empreendedorismo 95, 96, 97, 101, 102, 103, 104

Ensino-aprendizagem 58, 63, 83, 119, 120, 130, 131, 133, 150, 163, 169, 174, 270, 279, 280

Ensino de ciências 109, 112, 114, 117

Ensino fundamental 31, 53, 62, 65, 66, 81, 102, 111, 118, 119, 128, 155, 165, 174

Equações 119, 128, 130, 131

Escola pública 7, 73, 106, 107, 157, 281

Espaço 13, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 66, 67, 69, 71, 92, 97, 114, 115, 132, 133, 135, 136, 137, 140, 141, 145, 157, 158, 179, 194, 203, 205, 219, 220, 223, 226, 255, 258, 259, 263, 271, 281

Espaço vivido 21, 132, 133, 140, 141

## F

Facebook 83, 84, 85, 86, 90, 92, 93, 94

Fluência 70, 71, 72, 73, 74, 76, 78, 79, 80, 81

Formação integral 46, 47, 102, 109

## H

Habilidades de leitura 70, 78

História 1, 2, 3, 4, 6, 7, 11, 12, 25, 26, 34, 42, 44, 59, 83, 84, 86, 92, 93, 94, 99, 107, 108, 111, 117, 120, 134, 141, 143, 144, 145, 178, 179, 180, 181, 182, 246, 267, 271, 282

## I

IMC 8, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 172, 173, 174, 175

Inovação 8, 97, 177, 178, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 215, 236, 254, 256

Instituições 5, 8, 11, 69, 84, 85, 92, 98, 99, 115, 155, 157, 159, 177, 178, 180, 181, 183, 184, 185, 187, 192, 218, 230, 235, 239, 241, 243, 249, 250, 251, 254, 255, 258, 260, 261, 262, 264, 266, 275

Interatividade 193, 200

## J

Jogos 25, 62, 64, 65, 66, 67, 69, 224

jornalismo 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227

Jornalismo 217, 222, 223, 224, 228

## K

Kit educacional 187, 188, 189, 192

## L

Laboratório 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 206, 207, 210

## M

Mapa 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 31, 134, 135, 136, 137, 138, 186, 234, 241

Mapas vivenciais 132, 135, 141

Mercado de trabalho 49, 94, 98, 99, 103, 155, 159, 202, 259, 271, 280

Metodologia ativa 95, 96, 101

Mudança organizacional 245, 249, 265



## **N**

Narrativas 83, 85, 86, 93

## **P**

Peças 37, 180, 187, 188, 189, 192

Planejamento na educação infantil 9, 10, 11, 19, 20

Política 10, 20, 35, 36, 40, 41, 45, 60, 61, 93, 97, 115, 177, 181, 183, 186, 260, 263

Prática docente 95

Práxis no planejamento da educação infantil 9, 10, 11

Produção acadêmica independente 217

Psicologia 36, 62, 63, 65, 66, 69, 81, 142, 161, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 277, 278, 279, 281

## **R**

Redes 58, 83, 84, 93, 94, 100, 103, 124, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 221

Relações interpessoais 62, 64, 65, 66, 69

## **S**

Simulação realística 210

Sistema especialista 119, 120, 124, 126, 129, 130

Subjetividade 158, 177, 184

## **T**

Tecnologia 6, 5, 16, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 83, 93, 94, 109, 112, 116, 119, 120, 130, 131, 143, 163, 175, 176, 177, 179, 181, 192, 193, 202, 228, 237, 243, 248, 251, 254, 255, 262

## **U**

Universidade 8, 9, 21, 32, 45, 51, 62, 63, 73, 84, 94, 104, 106, 115, 131, 215, 217, 218, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 243, 245, 247, 249, 250, 251, 255, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 265, 266, 269, 271, 282

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-665-2

